

# A SUBJETIVIDADE DO PERSONAGEM-NARRADOR MEURSAULT NA OBRA O ESTRANGEIRO, DE ALBERT CAMUS, À LUZ DA ANÁLISE PRONOMINAL DE ÉMILE BENVENISTE: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES ENTRE OS ESTUDOS DE LÍNGUA E LITERATURA

SILVA, ANDRÉ RODRIGUES DA<sup>1</sup>; NEUMANN, DAIANE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – andresilva537@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – daiane\_neumann@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

Buscando cada vez mais a ampliação dos estudos de interface entre língua e literatura, pretendo nesta pesquisa, ainda em fase inicial, integrar os campos da Linguística e da Literatura, a fim de apontar para o enriquecimento desses campos, a partir da consideração da noção de subjetividade, em especial no que tange ao dispositivo trinitário pronominal, na análise obra literária. Com isso, sabendo da indissociabilidade entre linguagem e subjetividade, partirei das reflexões de Émile Benveniste para encaminhar este estudo que se propõe a analisar a obra *O Estrangeiro*, de Albert Camus.

Émile Benveniste articula que a linguagem constitui o homem, sendo esta mesma linguagem o meio pelo qual é possível (re)produzir a realidade. Assim, a “experiência do acontecimento” (BENVENISTE, 2005, p. 26) se faz através do discurso, e este discurso se desenvolve a partir da atividade que é, ao mesmo tempo, intersubjetiva e política e se estabelece a partir do *eu* e *tu*.. Pretendo articular uma discussão sobre linguagem a partir da subjetividade e a sua organização pronominal (o *eu* que fala para um *tu* e se opõe a um *ele*), pois é na reversibilidade entre os pronomes *eu-tu* que o sujeito autentica o seu lugar, (re)criando sempre, através da linguagem, uma nova realidade, diante desse processo intersubjetivo e de alteridade. Dufour (2000) entende também que a díade *eu-tu* só pode se valer na enunciação e, segundo Teixeira (2012), a partir de Dufour, “falar consiste em trocar a capacidade de utilizar *eu*; em preencher essas conchas vazias” (TEIXEIRA, 2012, p. 446).

Ainda sobre o sistema pronominal, tem-se o papel do *ele* neste meio discursivo. O *ele*, ou a não-pessoa, é oposição à organização pronominal *eu-tu*, na medida em que o pronome *ele* se encontra fora da correlação de pessoa. A reversibilidade entre os falantes propicia as condições para a intersubjetividade, ao passo que o *ele* se configura como a não-pessoa: a sua ausência nesse discurso é a colocação do outro nessa instância da linguagem. Por mais que o pronome *ele* apresente-se como oposição à díade *eu-tu*, a sua ausência se torna presença, pois, segundo Dufour, “é necessário um terceiro, externo, para que dois, copresentes sejam” (DUFOUR, 2000, p. 106).

Na obra literária, busco considerar a reflexão proposta acerca da tríade pronominal apresentada por Benveniste e ampliada por Dufour, a ponto de tratar do pronome *ele* como este ser ausente, mas presente no processo discursivo, o que permite discussões outras, que extrapolam aquelas relacionadas pelo par *eu-tu*. Em *O Estrangeiro*, a personagem principal, Meursault, conforme uma primeira consideração de análise mostrou, se vê sem espaço para constituir-se como sujeito no processo discursivo. Algumas vezes, outro personagem utiliza “eu” em seu lugar

e chega a falar mesmo por ele. Trago para discussão, portanto, a forma como essa tríade pronominal é explorada na obra de Albert Camus e como isso amplia a potencialidade de discussões concernentes à interface entre língua e literatura.

## 2. METODOLOGIA

O método de abordagem para este trabalho é de ordem analítica e proponho uma análise dos pronomes e da subjetividade, conforme concebida por Émile Benveniste na obra literária *O Estrangeiro*, de Albert Camus. Além da utilização dos principais livros de Benveniste como *Problemas de Linguística Geral I e II*, outra abordagem que será realizada com mais afinco será a análise diante da proposta de Dufour sobre o trinitário e como esse conceito me faz pensar sobre os laços sociais a partir da tríade pronominal. A dissertação de mestrado de Juciane Cavalheiro, intitulada *O espaço ficcional e a experiência subjetiva: uma análise enunciativa de A Metamorfose* também enriquece o estudo e elucida ainda mais a abertura que este trabalho evocará para esta minha pesquisa de língua e literatura.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como se trata de uma pesquisa iniciada recentemente, os resultados estão sendo construídos diante dos estudos e das pesquisas feitas até o momento. Com isso, parto de algumas reflexões já empreendidas, a fim de levar a cabo este trabalho de pesquisa.

A subjetividade é instaurada a partir do momento no qual o locutor toma palavra e se coloca como *eu* na instância do discurso. No entanto, o espaço literário mostra-se profícuo, na medida em que amplia-se a discussão sobre a maneira como os personagens se colocam e, ao mesmo tempo, são colocados nesse processo discursivo. Constroem-se, então, novas possibilidades de ação intersubjetiva no processo enunciativo do discurso, o que sugere novas possibilidades de ações na sociedade, através da experiência na linguagem.

O problema de linguagem – e de língua – está presente na teoria de Benveniste e alargar o estudo dos pronomes e das categorias de pessoa é, segundo Cavalheiro (2016), “trabalhar a alteridade e seus efeitos para a constituição da subjetividade” (CAVALHEIRO, 2016, p. 120). O homem está na linguagem, e a linguagem é constitutiva desse homem. Segundo Benveniste, em texto de 1970 intitulado *O aparelho formal da enunciação*, o ato de colocar em funcionamento a língua e as situações em que ela se realiza é o que caracteriza a “enunciação” (BENVENISTE, 2006, p. 82). Será colocado em questão neste trabalho, no entanto, esse lugar de presença/ausência denotada pelo *e/le*.

O processo intersubjetivo é resultante da enunciação e da reversibilidade entre o *eu* e o *tu*, porém, a propósito de um *e/le*. Segundo Teixeira (2012), “esse processo trivial determina a posição do homem na língua” (TEIXEIRA, 2012, p. 446). “Eu” e “tu” compõem uma alteridade fraca, transitiva, e “eu-tu” e “e/le” uma alteridade forte, intransitiva”. (DUFOR, 2000, p. 102). Segundo Dufour, o *e/le*, o ausente, configura a possibilidade de linguagem pois o *e/le* designa “uma ausência re-presentada no campo da presença” (DUFOR, 2000, p.106-107).

Essas realizações no campo da presença e constatação da sua ausência são ações que elucidam o trinitário do indivíduo na sociedade, para Dufour, como evolução do binarismo. Se podemos pensar sobre o trinitário na linguagem é porque a linguagem está, antes de tudo, na língua. Dufour vai afirmar ainda que “se a trindade assombra nossas ciências da linguagem, é simplesmente porque ela se

aloja na nossa própria língua [...] a nossa língua natural é habitada pela trindade [...] somos sujeitos do trinitário.” (DUFOUR, 2000, p. 16).

Na obra *O Estrangeiro*, de Camus, temos Meursault, uma personagem que refaz sua existência entre a primeira e a segunda parte do livro, principalmente depois de cometer um assassinato. O que vale aqui é mostrar a forte mudança que há no livro, no qual temos, primeiramente, pessoas com nomes próprios que se relacionam com Meursault, estabelecendo uma troca nas narrativas de interação pronominal e, posteriormente ao assassinato, esse processo comunicativo faz com que o seu lugar no discurso seja fora da reversibilidade entre *eu-tu*, na medida em que é relegado ao papel de não-pessoa.

Há momentos em que a personagem se encontra inferiorizada, em que a fala lhe é tolhida – “Apesar das minhas preocupações, às vezes eu ficava tentado a intervir e meu advogado me dizia, então: “Cale-se, é melhor para o seu caso.” De algum modo, pareciam tratar deste caso à margem de mim” (CAMUS, 2014 p. 91,). É a reflexão acerca da tríade pronominal proposta por Benveniste que auxilia a compreensão dessa exclusão do personagem no texto literário. Neste texto, em particular, essa exclusão é responsável por criar o distanciamento necessário entre o narrador e o seu meio social.

O sujeito, em muitos casos, passa a ser colocado como não-pessoa. Em outros casos, esse *eu* enunciativo opta pela sua recusa de inserção no discurso para (*re*)colocar-se em um monólogo, a fim de (*re*)construir o seu mais novo espaço de discurso. Meursault, às vezes, opta pela sua exclusão das relações instituídas no mundo ou, até mesmo, sente-se sendo deslocado para um espaço externo ao *eu-tu* – “mesmo no banco dos réus, é sempre interessante ouvir falar de si mesmo” (CAMUS, 2014, p. 91). Meursault tem na obra o seu lugar destituído e (*re*)construído a partir da sua constatação de existência absurda partilhada no laço social.

Portanto, segundo Dufour, a trindade na e pela linguagem é uma “representação da ausência - até sua forma extrema, a morte - na presença. Sem trindade, não há simbolização, não há agrupamento social.” (DUFOUR, 2000, p. 155). Quando Meursault se vê em oposição à díade *eu-tu*, ele reconhece, em seu último momento de fôlego na obra, dentro de sua cela na cadeia, a sua presença como ausência nesse processo discursivo na linguagem, e este percurso pronominal diante da análise linguística é uma das reconfigurações que buscam renovar a análise nesta obra literária.

#### 4. CONCLUSÕES

Como se trata de um projeto inicial, alguns pontos trabalhados até aqui carecem de maior estudo e pesquisa para dar mais fôlego às discussões para minhas inquietações acerca da relação entre língua e literatura. Destaco, primeiramente, a importância dos estudos interdisciplinares, na medida em que é no limiar de áreas que se pode vislumbrar conhecimentos novos. Os aportes teóricos utilizados caracterizam-se como pontos importantes para as progressões de minha pesquisa sobre língua e literatura, como a abertura iniciada em Émile Benveniste e a ampliação no estudo sobre os pronomes em Dufour.

A ampliação no trajeto teórico entre língua e literatura, a partir de Dufour, pretende revelar que o estudo na e pela linguagem é uma discussão rendosa na qual o trinitário (*eu-tu/ele*) está se (*re*)produzindo. Segundo Dufour, “ “Eu”, “tu” e “ele” representam o laço social mínimo, uma arqui-socialidade: para que dois estejam juntos, *aqui*, é preciso que um outro esteja *ali*, ausente” (DUFOUR, 2000, p. 155). Esse papel de alteridade e como a ausência do *ele* pode ser vista como uma presença à reversibilidade entre o *eu* e o *tu* é o que instiga a análise na obra

de Camus, pois podemos articular um novo pensar sobre o dispositivo pronominal diante da personagem Meursault na obra. Ademais, Benveniste propõe que a linguagem se renova a cada momento em que colocamos a língua em uso, e esse processo de renovação é possível por conta da enunciação que traz luz aos estudos de análise que estão sendo realizados neste processo inicial de pesquisa.

Benveniste procurou expandir a discussão sobre língua, cultura e sociedade, pois as línguas “são categorias elementares, independentes de toda determinação cultural e nas quais vemos a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem” (BENVENISTE, 2006, p. 68). Logo, concluo até aqui que esse pensamento sobre língua e literatura nos coloca frente à obra literária, para que possamos adentrar aos espaços do texto e procurar o sentido da análise benvenistiana frente às relações de espaço entre as personagens, sobretudo nas análises que serão realizadas com mais afinco, posteriormente em minha pesquisa, sobre a personagem principal, Meusault.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. Problemas de lingüística geral I. Campinas: Pontes Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. Problemas de lingüística geral II. Campinas: Pontes Editora, 2006.

CAMUS, Albert. O Estrangeiro. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.

\_\_\_\_\_. O homem revoltado. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2017.

\_\_\_\_\_. O mito de Sísifo. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2016.

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos. O espaço ficcional e a experiência subjetiva: uma análise enunciativa de A Metamorfose. Dissertação. 2005. 126 pgs. (Mestrado em lingüística aplicada). Centro de Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo/RS, 2005.

\_\_\_\_\_. Enunciação e literatura: contribuições da teoria da linguagem e do estudo dos pronomes de Émile Benveniste. ReVEL, edição especial n. 11, 2016. Acessado em: 01/09/2020. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=42>.

DUFOUR, Dany-Robert. Os mistérios da trindade. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000. Trad. Dulce Duque Estrada.

TEIXEIRA, Marlene. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 8 - n. 1 - p. 71-83 - jan./jun. 2012. Acessado em: 01/09/2020. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2639>.

\_\_\_\_\_. "A linguagem serve para viver": contribuição de Benveniste para análises no campo aplicado. Linguagem & Ensino, Pelotas, v.15, n.2, p. 439-456, jul./dez. 2012. Acessado em: 01/09/2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/index>.